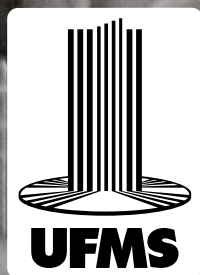


DOUTOR
HONORIS CAUSA

Almir
Eduardo Melke

Sater



ADMINISTRAÇÃO SUPERIOR

MARCELO AUGUSTO SANTOS TURINE

Reitor

CAMILA CELESTE B. FERREIRA ÍTAVO

Vice-Reitora

ANA RITA BARBIERI FILGUEIRAS

Pró-Reitora de Assuntos Estudantis

AUGUSTO CESAR PORTELLA MALHEIROS

Pró-Reitor de Administração e de Infraestrutura

CARMEM BORGES ORTEGA

Pró-Reitora de Gestão de Pessoas

DULCE MARIA TRISTÃO

Pró-Reitora de Planejamento, Orçamento e Finanças

MARCELO FERNANDES PEREIRA

Pró-Reitor de Extensão, Cultura e Esporte

NALVO FRANCO DE ALMEIDA JUNIOR

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

RUY ALBERTO CAETANO CORRÊA FILHO

Pró-Reitor de Graduação

AGUINALDO SILVA

Diretor do Câmpus do Pantanal

ANDRÉIA CRISTINA RIBEIRO

Diretora do Câmpus de Paranaíba

AURI CLAUDIONEI MATOS FRÜBEL

Diretor do Câmpus de Aquidauana

CLÁUDIA CARREIRA DA ROSA

Diretora do Câmpus de Ponta Porã

DANIEL HENRIQUE LOPES

Diretor do Câmpus de Naviraí

ELIENE DIAS DE OLIVEIRA

Diretora do Câmpus de Coxim

KLEBER AUGUSTO GASTALDI

Diretor do Câmpus de Chapadão do Sul

OSMAR JESUS MACEDO

Diretor do Câmpus de Três Lagoas

SOLANGE FACHIN

Diretora do Câmpus de Nova Andradina

FABRICIO DE OLIVEIRA FRAZILIO

Diretor da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia

HENRIQUE MONGELLI

Diretor da Faculdade de Computação

MARIA LÍGIA RODRIGUES MACEDO

Diretora da Faculdade de Ciências Farmacêuticas

MILENE BARTOLOMEI SILVA

Diretora da Faculdade de Educação

PAULO ZÁRATE PEREIRA

Diretor da Faculdade de Odontologia

ROBERT SCHIAVETO DE SOUZA

Diretor da Faculdade de Engenharias, Arquitetura e Urbanismo e Geografia

VERA LÚCIA PENZO FERNANDES

Diretora da Faculdade de Artes Letras e Comunicação

VIVINA DIAS SOL QUEIROZ

Diretora da Faculdade de Ciências Humanas

WILSON AYACH

Diretor da Faculdade de Medicina

YNES DA SILVA FÉLIX

Diretora da Faculdade de Direito

ALBERT SCHIAVETO DE SOUZA

Diretor do Instituto de Biotecnologia

DOROTÉIA DE FÁTIMA BOZANO

Diretora do Instituto de Física

JOSÉ CARLOS DE JESUS LOPES

Diretor da Escola de Administração e Negócios

LINCOLN CARLOS SILVA DE OLIVEIRA

Diretor do Instituto de Química

LUCIANA CONTRERA

Diretora do Instituto Integrado de Saúde

PATRÍCIA SANDALO PEREIRA

Diretora do Instituto de Matemática



DOUTOR
HONORIS CAUSA

Almir
Eduardo Melke
Sater

MEMBROS DO CONSELHO UNIVERSITÁRIO

MARCELO AUGUSTO SANTOS TURINE
CAMILA CELESTE B. FERREIRA ÍTAVO
ANA RITA BARBIERI FILGUEIRAS
AUGUSTO CÉSAR PORTELLA MALHEIROS
CARMEM BORGES ORTEGA
DULCE MARIA TRISTÃO
MARCELO FERNANDES PEREIRA
NALVO FRANCO DE ALMEIDA JUNIOR
RUY ALBERTO CAETANO CORRÊA FILHO
AGUINALDO SILVA
ALBERT SCHIAVETO DE SOUZA
ANDRÉIA CRISTINA RIBEIRO
AURI CLAUDIONEI MATOS FRÜBEL
CLÁUDIA CARREIRA DA ROSA
DANIEL HENRIQUE LOPES
DOROTÉIA DE FÁTIMA BOZANO
ELIENE DIAS DE OLIVEIRA
FABRICIO DE OLIVEIRA FRAZILIO
HENRIQUE MONGELLI
JOSÉ CARLOS DE JESUS LOPES
KLEBER AUGUSTO GASTALDI
LINCOLN CARLOS SILVA DE OLIVEIRA
LUCIANA CONTRERA
MARIA LÍGIA RODRIGUES MACEDO
MILENE SILVA BATOLOMEI
OSMAR JESUS MACEDO
PATRÍCIA SANDALO PEREIRA
PAULO ZÁRATE PEREIRA
ROBERT SCHIAVETO DE SOUZA
SOLANGE FACHIN
VERA LÚCIA PENZO FERNANDES
VIVINA DIAS SOL QUEIROZ
WILSON AYACH
YNES DA SILVA FÉLIX

REPRESENTANTES DOCENTES

ANDRÉ LUIS SOARES DA FONSECA
ADALBERTO VIEIRA CORAZZA
BRUNO SPOLON MORANGONI
CARLOS ALBERTO DO NASCIMENTO RAMOS
CARLOS ROBERTO GABRIANI
DIONÍSIO MACHADO LEITE FILHO
EVANDRO MAZINA MARTINS
EVERTON DA SILVA NEIRO
FÁBIO DA SILVA SOUSA
FERNANDO RODRIGO FARIAS
FLÁVIA ZECHINELI F. BASTOS
GERALDINO CARNEIRO DE ARAÚJO
GLEISON ANTÔNIO CASAGRANDE
JEFERSON ADÃO DE A. MATOS
JORGE DE SOUZA PINTO
JOSE ANTONIO BRAGA NETO
JOSE CARLOS DA SILVA
LIANA DESSANDRE D. GARANHANI
LUCIANI COIMBRA DE CARVALHO
MARIA ELIZABETH ARAUJO AJALLA
MARIUZA APARECIDA C. GUIMARÃES
PATRICIA GRACIELA DA ROCHA
RAFAELA AZEVEDO A DE OLIVEIRA
SILVINO ARÉCO
WILSON DE BARROS CANTERO

REPRESENTANTES DE ASSOCIAÇÕES

CARLOS SIMÕES GONÇALVES
ERON BRUM
MARIA HELENA DA SILVA ANDRADE
NIVALCI BARBOSA DE OLIVEIRA
PAULO CESAR DUARTE PAES

REPRESENTANTE GOVERNO FEDERAL/MEC

CLAUDIO CESAR DA SILVA

REPRESENTANTES DISCENTES/DCE

LUÍS ANTÔNIO DA SILVA JÚNIOR
MATHEUS HENRIQUE FABRÍCIO SANTOS

REPRESENTANTES DA COMUNIDADE

CLEONI BORTOLLI
MARIANA ADALGIZA GILBERTI URT

APRESENTAÇÃO

OUTORGAR O TÍTULO DE Doutor *Honoris Causa* constitui a máxima distinção concedida pela Universidade a personalidades que se tenham distinguido pelo saber e pela atuação em prol das artes, das ciências, da filosofia, das letras e do melhor entendimento entre os povos. Na UFMS, o título é outorgado mediante proposta de um ou mais membros do Conselho Universitário.

Esta publicação tem o objetivo de registrar a entrega do título de Doutor *Honoris Causa* ao compositor, instrumentista e cantor ALMIR EDUARDO MELKE SATER, pela Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, por sua imensa contribuição à música nacional e regional.

A concessão deste título foi aprovada por unanimidade, pelo Conselho Universitário, conforme Resolução nº 63, de 7 de junho de 2019, a partir da propositura do Conselheiro Marcelo Fernandes Pereira, Pró-Reitor de Extensão, Cultura e Esporte.

Campo Grande, 22 de julho de 2019.

DOCUMENTO DE CONCESSÃO DO TÍTULO



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



RESOLUÇÃO Nº 63, DE 7 DE JUNHO DE 2019.

O **CONSELHO UNIVERSITÁRIO** da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, no uso da atribuição que lhe confere no inciso III do art. 2º do Regimento Geral da UFMS, e tendo em vista o disposto na Resolução nº 60, Coun, de 30 de maio de 2019, e considerando o contido no Processo nº 23104.009631/2019-40, resolve:

Conceder o título de Doutor **Honoris Causa** ao compositor, instrumentista e cantor **Almir Eduardo Melke Sater**, por sua imensa contribuição à música nacional e regional.

MARCELO AUGUSTO SANTOS TURINE,
Presidente.



DISCURSO DO PROPONENTE

UM TEXTO ELEGANTE sobre uma melodia linda pode até parecer uma canção, mas não é suficiente para comunicar o sentir de muitas histórias personificadas na vivência de cada ser humano. Canções deveriam ser pedacinhos de realidade, comprimidos com aquele “impossível carinho”. Poderiam até ser temperadas com pitadas de raiva ou ressentimento, mas não feitas essencialmente disso.

Quando provamos de uma canção, seu gosto deveria nos fazer sentir o que sentiu seu compositor, nos fazer sentir do que fala o compositor e deixar espaço para nós mesmos imaginarmos algo de pessoal em seu sabor. Uma canção assim será uma obra de arte e quando a escutarmos, seremos arrebatados:

*"Mato Grosso encerra em sua própria terra
Sonhos guaranis
Por campos e serras a história enterra uma só raiz
Que aflora nas emoções
E o tempo faz cicatriz
Em mil canções
Lembrando o que não se diz" (...)*

Esse texto é completo em si, mas quando declamado com a sua melodia e sua harmonia, ganha cores, sabores, cheiros e tons de outros tempos. Traz para si, sensações e afetos que viveram eles e vivemos nós. Ou que poderíamos ter vivido – e por isso não são reais – mas que se fazem reais no exato momento em que ouvimos a canção. Ei-la aqui, em todo a sua plenitude: a arte.

Essa sublime compressão da realidade serve também para educar a alma e nos lembrar do que não queremos mais, sem trazer o rancor ou a brutalidade de corpos destroçados pela guerra:

*Mato Grosso espera esquecer quisera
O som dos fuzis
Se não fosse a guerra
Quem sabe hoje era um outro país
Amante das tradições de que me fiz aprendiz
Em mil paixões sabendo morrer feliz."*

Uma canção assim pode educar, se levada a sério, se dado o devido valor e atenção ao imenso trabalho do compositor de produzir miniatras tendo como matéria prima a dor e o regozijo que há na sua vida pessoal ou que ele, respeitosamente colheu de vidas alheias – de gerações, quicá. Esse artesão, que combina sons e palavras – cada qual com seus léxicos e gramáticas próprias – será um doutor em sua arte, pertencendo ou não à academia. Assim, nos lembramos de Cartola, Noel Rosa, Dorival Caym, Luis Gonzaga, Tião Carreiro... Suas canções são legítimos e belíssimos pedacinhos de realidade, comprimidos com aquele “impossível carinho” que falei a princípio.

Nosso jovem Estado tem também o seu poeta da canção. Um violeiro que bebeu da tradição cabocla de seu instrumento, temperada com o os cheiros, e sons dos corixos e frutos do pantanal. Um artista de Campo Grande, que conhece bem as cidades do litoral brasileiro e o som dos grandes shows, mas nem por isso deixou seu sotaque sul-mato-grossense. Estamos tratando, é claro, de nosso homenageado Almir Sater – violeiro, compositor e cantor.

Se no passado, os grandes compositores que citei não foram devidamente reconhecidos em vida pela academia, neste momento, tenho orgulho de afirmar que a UFMS acertou ao resolver conceder o título de Doutor *Honoris Causa* a um dos maiores artistas desta terra.

Marcelo Fernandes Pereira

DISCURSO DO REITOR

TENHO A HONRA de presidir esta cerimônia da Assembleia Universitária da UFMS que celebra a outorga do título de Doutor *Honoris Causa* ao compositor, instrumentista e cantor Almir Eduardo Melke Sater, por sua imensa contribuição à música nacional e regional. Esta Universidade, que tanto incentiva, apoia e estimula a cultura, ao conceder este título não o apenas faz como um justo reconhecimento ao artista, mas como uma inequívoca demonstração de apreço ao seu magnífico trabalho, na divulgação do nome do nosso pujante Mato Grosso do Sul, do Pantanal Sul-Mato-Grossense, para os mais deferentes recantos brasileiros, por meio de suas canções, que retratam o povo pantaneiro.



Em comemoração aos 40 anos de federalização da nossa UFMS, e com aprovação unânime do Conselho Universitário da UFMS, sentimos honrado em tê-lo, a partir de hoje, na galeria dos Doutores *Honoris Causa* desta maior e melhor Universidade do Estado de Mato Grosso do Sul.

Agraciar é prestar uma homenagem a quem faz da vida uma janela para o mundo. As Universidades criaram, então, as formas de agradecer, e uma delas é o título de Doutor *Honoris Causa*, título máximo conferido a quem não está no quadro de seus servidores. A expressão latina *Honoris Causa*, ou seja, “por causa de honra”, tem sido utilizada quando uma Universidade deseja conceder um título de honra para uma pessoa importante pelo que ela é e pelo que ela fez e faz. Pelo que ela se destaca na cultura, artes, letras, ciências, educação, música, pela promoção da paz, pela preocupação destacada no aprimoramento da vida social, e pelo trabalho em prol da resolução de questões humanitárias.

Almir Sater é um dos mais importantes artistas do país, que se destaca na arte de fazer música, com obras como: Tocando em Frente, Varandas, Comitiva Esperança, Um Violeiro Toca, Semente, entre tantas outras. Sua música não deixa de citar as referências diretas da viola e do campo, canta a sabedoria e os desenganos da natureza, tem papel importante na popularização da viola, ampliando suas possibilidades musicais. Com a concessão deste título, a UFMS reconhece a divulgação e a preservação de dois patrimônios imateriais brasileiros: sua voz e sua poesia. Reconhecido como o artista mais completo da música brasileira, ganhador de vários prêmios, mostra para nós o quanto conceituado é, representando os violeiros brasileiros, não apenas no Brasil, mas pelo mundo a fora.

Este é um belo dia para a UFMS. É um ato acadêmico importante sob o ponto de vista teórico, quando a Universidade reconhece a qualidade do trabalho de Almir Sater. Um dia que ficará marcado para sempre não só na história deste grande cidadão, mas de toda a música brasileira, em especial de Mato Grosso do Sul. Artista autêntico representante da cultura sul-mato-grossense, cujas canções envolvem ecologia, biodiversidade e meio ambiente, enaltecendo a fauna e a flora do Pantanal, e referencia a conservação da natureza.

Para nós, é uma grande honra homenagear este artista, poeta sul-mato-grossense Almir Sater, homem de personalidade simples, que

arrasta multidões, que além da multiplicidade de talentos, é defensor do meio ambiente, sempre engajado em projetos de cunho socioambiental, estimulando a conscientização para a melhoria do nosso planeta, como a qualidade de vida dos pantaneiros.

Obrigado pela aceitação desta honraria, que prestigia também a nossa UFMS, de modo especial neste ano, em que comemoramos quarenta anos de federalização, bem como a nossa cidade, o nosso Estado e o nosso país. O seu gesto de aceitação é, para nós, um gesto de grandeza, que muito diz da grandeza do seu coração. Da grandeza do homem, do profissional e do artista.

É com grande estima e reconhecimento que a partir desta data, passa a fazer parte da galeria dos nossos ilustres Doutores *Honoris Causa*.

Aqui está o nosso reconhecimento. O nosso apreço. O nosso abraço. A nossa amizade.

Parabéns, e seja bem-vindo!

Campo Grande, 22 de julho de 2019.

Marcelo Augusto Santos Turine

DISCURSO DO HOMENAGEADO

GOSTARIA DE COMEÇAR agradecendo a todos professores, alunos, funcionários e ao Reitor da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Prof. Marcelo Augusto Santos Turine, por esta inesperada homenagem. Agradeço também ao Pró-Reitor de Extensão, Cultura e Esporte, Prof. Marcelo Fernandes, pela gentileza de me indicar para receber este título de Doutor *Honoris Causa* pela UFMS.

Eu comecei a fazer dois cursos universitários nos anos 1970: o primeiro foi de Direito no Rio de Janeiro. Depois, quando voltei a morar em Campo Grande, entrei para a Faculdade de Educação Física. Mas eu queria mesmo era tocar viola, que eu conheci na época que estava no Rio de Janeiro quando parei para ver uma dupla caipira no Largo do Machado. O violeiro me chamou a atenção, era um mineiro que tocava muito bem, e para manter a mística ele me falou que usava uma dedeira de “unha de águia”, enfeitada com plumas vermelhas. Eu conheci muitos violeiros importantes, como Tião Carreiro, Renato Andrade e Zé Coco do Riachão, mas aprendi muito com esses violeiros anônimos, como o do Largo do Machado e outros tantos que encontrei pelas estradas do Brasil.

Fui aprendendo do meu jeito e trazendo o toque da fronteira para a viola, que é uma vertente um pouco diferente das outras de São Paulo e Minas Gerais. Foi surgindo essa mistura com esse lado da polca, do chamamé e da guarânia, que são ritmos comuns na nossa fronteira de Mato Grosso do Sul. A minha imagem era diferente dos violeiros da época. Eu tinha um som e um visual mais roqueiro. Amava Beatles, Dylan e Rolling Stones. Então tudo isso ajudou a chamar atenção para minha viola, um instrumento que é “bandeira brasileira”. Devo tudo à viola caipira. Ela que me levou a lugares que jamais pensei conhecer e a receber homenagens como esta da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Sinto-me muito honrado, e muito obrigado.

Almir Sater

ALMIR SATER - Memorial

Almir Eduardo Melke Sater nasceu em Campo Grande (MS), no dia 14 de novembro de 1956. É filho da união entre Fuad e Nair e o primogênito dos irmãos Giselle, Sybelle e Rodrigo. Desde criança já se interessava por música, gostava de ouvir os discos de 78 rotações do avô Ibrahim e participar das festas árabes da família. Sua mãe chegou a matriculá-lo em um conservatório para estudar piano e acordeon, mas o gosto pelo violão foi mais forte e começou a tocar quando cursava o terceiro científico no Rio de Janeiro. Já havia feito algumas apresentações amadoras com o vizinho Gil, no programa de auditório do Tio Jubbert, a domingueira para calouros na Rádio Cultura de Campo Grande, e tocando contrabaixo na balada “*Do You Wanna Dance?*” recebeu seu primeiro “cachê” de 12 cruzeiros, dividido com o amigo.



Logo que chegou no Rio, em 1974, pede umas aulas de violão para o carioca-campo-grandense Paulo Simões, que era mais próximo dos primos de Almir. Após três encontros, Simões decide que as aulas acabaram e eles começam a tocar juntos. A admiração mútua por Bob Dylan foi um dos pontos que uniu ainda mais os dois, resultando em uma sincera amizade e duradoura parceria. Almir passou para a faculdade de Direito, na Cândido Mendes, na Praça XV, no Rio de Janeiro.

Nesse período conheceu a viola de perto quando passava pelo Largo do Machado e assistiu a uma dupla caipira, na apresentação o violeiro mineiro tocava muito bem usando uma dedeira de unha de águia, o que chamou a atenção para a sonoridade e a mística que envolve o instrumento de dez cordas. O campo-grandense comprou sua primeira viola e formou sem compromisso a dupla Lupe e Lampião com Maurício, outro sul-mato-grossense que estava estudando no Rio de Janeiro. Almir era o Lupe. A dupla é classificada para o Festival da Record, ocasião na qual conhece o lendário violeiro Tião Carreiro.

Quem se hospeda no apartamento de Almir, no Rio de Janeiro, são os integrantes do Grupo Água, conjunto chileno que havia conhecido em Campo Grande. O som andino do grupo, que chegou a gravar com Milton Nascimento, atraiu e influenciou o campo-grandense. O contato com os chilenos é decisivo para Almir largar a Faculdade de Direito e se dedicar mais seriamente à música. Ele começa a tocar charango e a estudar a música latino-americana. Em 1976, Almir resolve voltar a morar em Campo Grande.

Ele é aprovado para Educação Física, na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, mas frequenta o curso por pouco mais de um ano. Também começa a lecionar violão no conservatório de música, em Campo Grande. Meses depois, ele e Maurício “Lampião” montam

o Grupo Tupiara com mais três parceiros, um deles boliviano. Com o final do Tupiara e incomodado com as aulas de anatomia, decide abandonar a Educação Física e se transferir para São Paulo em 1978. Os irmãos Espíndola – Tetê, Geraldo, Celito e Alzira, que formavam o grupo Tetê e O Lírio Selvagem – se mudam para São Paulo, também; ao chegar, o campo-grandense conhecia apenas o jornalista Paulo Klein, da Folha de S. Paulo, mas aos poucos foi se enturmando e de repente estava perto de tudo. Foi no lançamento do primeiro LP do Tetê e O Lírio Selvagem no Teatro Ruth Escobar, um marco para a música sul-mato-grossense, e passou a conhecer vários artistas e produtores da cidade. Sentiu-se em casa e decidiu ficar.



No fim de 1978, Almir começa a acompanhar o grupo Tetê e O Lírio Selvagem. No ano seguinte, participa do *show* histórico “O Canto e as Cores de Mato Grosso”, que estreou em março de 1979, em Cuiabá, e depois passaria por Campo Grande e outros municípios do interior. Na sequência, Almir começa a gravar o que seria o segundo LP de Tetê e O Lírio Selvagem, mas o material acaba tonando-se o primeiro disco solo de Tetê Espíndola. O LP traz arranjos marcantes assinados por Almir, como a versão para “Refazenda”, de Gilberto Gil, e toca charango em “Vida Cigana”, balada ainda desconhecida de Geraldo Espíndola. Convidado por Guilherme Fowler, passa a integrar o *show* “Vozes e Violas”, que reunia artistas em uma espécie de cooperativa musical que contava com os baianos Capenga e Gereba, os paulistas Passoca e Carlão de Souza – todos moradores da Vila Madalena, bairro que é reduto de artistas em São Paulo – além dos sul-mato-grossenses Alzira e Almir, mais o percussionista Silvano e alguns convidados especiais, como a cantora e compositora Marlui Miranda. Foi no próprio “Vozes e Violas” que um produtor da Continental assistiu o campo-grandense tocar “Flor do Amor” e fez o convite para Almir gravar o primeiro disco da carreira, que só aconteceu um ano depois, em 1981, após ele acompanhar a cantora Diana Pequeno em uma turnê.



A carreira discográfica de Almir começa na gravadora Continental. O LP Homônimo tem a participação de Tião Carreiro na instrumental “No Quintal de Casa” e traz canções como “Canta Viola”, “Flor do Amor”, “Velhos Amigos”, “Aqui Agora Crianças”, de Geraldo Roca, e a guarânia “Semente”, primeira parceria entre Almir e Paulo Simões. Depois de sair da Continental, assinou com a gravadora RGE, onde Rolando Boldrin tinha um selo, para produzir o segundo disco “Doma”. O álbum, lançado em 1982, conta com dez canções, como “Varandas”, “Cavaleiro da Lua”, “Sonhos Guaranis”, “Trem do Pantanal” e a instrumental “Doma”, que batiza o LP.



Embalado pelo lançamento seguido dos discos, Almir chega à final do Festival MPB Shell com a música “Varandas”, parceria dele e Simões, e posteriormente a canção é incluída na trilha sonora da novela “Paraíso”, da Rede Globo. Nesse mesmo ano, Almir volta a Campo Grande para participar do primeiro disco coletivo gravado em MS, o LP “Prata da Casa”, produzido pela UFMS. Em 1984, integra o projeto “Comitiva Esperança”. Ao lado do compositor Paulo Simões e do violinista gaúcho Zé Gomes, eles cruzam em três meses mais de mil quilômetros do Pantanal, em regiões como Paiaguás, Nhicolândia, Piquiri, São Lourenço e Abobral. Um ano depois, a experiência do trio vira um média-metragem, dirigido por Wagner de Carvalho.



Em 1985, lança seu primeiro disco instrumental, com dez temas, pela gravadora Som da Gente. O álbum é elogiado pela crítica especializada, que o aponta como novo nome da viola brasileira, modernizando o instrumento. “Luzeiro” é escolhido como tema de abertura do “Globo Rural”, programa dominical da Rede Globo que estava sendo reformulado em 1986. Nesse mesmo ano, produz pela gravadora 3M o quarto disco da carreira, batizado de “Cria”. O álbum marca o começo da parceria com Renato Teixeira, com as canções “Missões Naturais” e “Trem de Lata”. Em 1987, Almir é convidado a participar da longa-metragem “As Bellas de Billings”, de Ozualdo Candeias, e, em 1988, do “Caramujo Flor”, curta experimental de Joel Pizzini sobre o universo poético de Manoel de Barros e que tem no elenco Aracy Balabanian, Ney Matogrosso, Rubens Correa e Tetê Espíndola.



O personagem vivido por Almir, o violeiro misterioso Xeréu Trindade, ganhou espaço na trama de Benedito Ruy Barbosa e a boa repercussão levou a Manchete a convidar o campo-grandense a protagonizar a novela “A História de Ana Raio e Zé Trovão”, que foi exibida em 1991, e marcou a teledramaturgia por ser a primeira novela brasileira itinerante e feita totalmente fora de estúdios. Sob o efeito da popularidade conquistada com os trabalhos na televisão, Almir aproveita para gravar ao vivo, em 1992, pela Sony Music. O disco traz a versão de “Chalana”, de Mário Zan e Arlindo Pinto, que fez sucesso na novela “Pantanal”, e “Tocando em Frente”, parceria com Renato Teixeira, *hit* da carreira de Almir com várias regravações, entre elas, de Maria Bethânia e Sérgio Reis. Em 1994, registra no disco “Terra dos Sonhos”, pela Gravadora Velas, as músicas que produziu no período sabático no Pantanal, como “Mês de Maio” e “A Saudade é Uma Estrada Longa”, ambas com o parceiro Paulo Simões.

No entanto, é na novela “O Rei do Gado”, exibida pela Rede Globo, em 1996, que Almir ganha fama nacional repetindo a parceria com Sergio Reis em “Pantanal”. Na trama global, eles vivem a dupla Pirilampo e Saracura e gravam diversas músicas para a trilha sonora da produção, como “Cabecinha no Ombro” e “Rei do Gado”. No ano seguinte, é lançado pela Som Livre o álbum “Caminhos me Levem”, o nono disco da carreira. No repertório temos a versão do artista para “Mochileira”, de Geraldo Roca, “Brasil Poeira”, “Pagode Bom de Briga”, entre outras. O violeiro decide então se dedicar exclusivamente aos *shows* e cai na estrada com sua banda.

Em 2006, aceita voltar para a televisão e participa da novela “Bicho do Mato”, da TV Record, como o personagem Mariano. Almir decide fechar a trilogia discográfica que começou com “Terra de Sonhos” e “Caminhos Me Levem” e lança na mesma época da novela o disco “7 Sinais” com diversas parcerias com Simões, como “Cubanita” e “Serra de Maracaju”. Mais uma vez Almir decide focar nas apresentações musicais pelo País e fica nove anos sem lançar discos. Em 2010, participa da gravação do DVD “Emoções Sertanejas”, em homenagem aos 50 anos de carreira de Roberto Carlos. Almir apresenta sua versão para “O Quintal do Vizinho”.

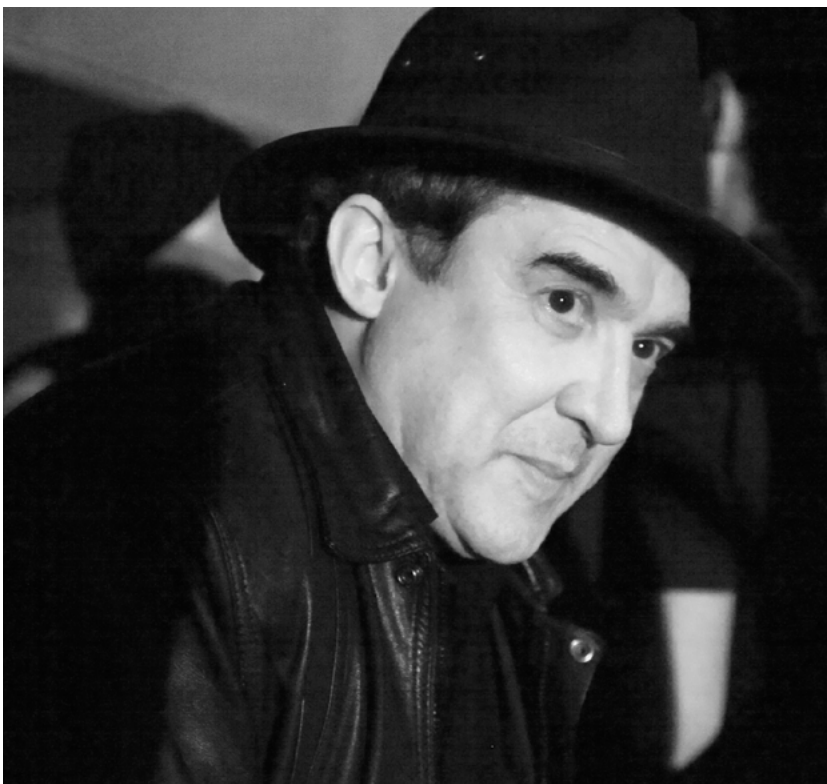


No ano de 2015, o violeiro junta-se ao compadre Renato Teixeira para gravar o primeiro disco juntos: o álbum “AR”. Almir e Renato ganham, em 2016, os prêmios de melhor dupla regional na 27ª edição do Prêmio da Música Brasileira e de Melhor Álbum de Raízes em Língua Portuguesa no 17º Grammy Latino. Em 2018, os dois se reúnem novamente para lançar o disco “+AR” e ganham de novo o Grammy Latino na mesma categoria. Almir é casado com Ana Paula e é pai de Gabriel, Bento e Ian.



DEPOIMENTOS

Paulo Simões



Compositor, cantor e músico.

No tempo em que Campo Grande tinha menos de cem mil habitantes, as relações sociais e de amizade faziam de nossa geração, nascida nos anos 50/60, uma grande família. Frequentávamos as mesmas poucas escolas, turmas de pelada, e íamos às mesmas festas. O Almir é mais novo alguns anos, mas quando o reencontrei no Rio, nos anos 70, tínhamos muitos amigos em comum. Com alguns deles, assistiu a um show que o Geraldo Roca e eu fizemos, apresentando nossa produção da época, que incluía Trem do Pantanal e Mochileira. Dias depois, ele me pediu aulas de violão, e daí pra frente passou a frequentar minha casa. Em poucos meses, as aulas se transformaram em longas e animadas sessões, com repertório incluindo Beatles, Dylan, folk e músicas daqui, de Chalana a Délio e Delinha. Logo nasceu nossa primeira música, com o apropriado título de “Semente”, e outras vieram, cada vez com maior fluência. Descobrimos ter afinidade para compor juntos, processo que demanda confiança, amizade, e a capacidade de completar, mas também desafiar, as ideias do parceiro. O Almir é muito intuitivo, e isso se harmoniza com meu lado mais reflexivo. Outra coisa que temos em comum é a disposição de gastar o tempo que for preciso, até que o resultado satisfaça a ambos. A carreira dele foi deslanchando rápido, pelo talento exuberante, e por uma série de circunstâncias favoráveis. Já no início dos anos 80, o mercado estava à procura de uma nova cara para a música pós-rural, que fugisse ao padrão camisa xadrez, chapéu de palha, e músicas apoiadas numa tradição elogiável, mas esteticamente estagnada, do cancionero dos grandes mestres

da viola e da toada. Daí vieram discos, participações em festivais, trilhas de novelas, e projetos como o Pixinguinha. Um certo lado aventureiro nos levou a conceber a Comitiva Esperança, experiência de imersão no universo pantaneiro, que deixou profundas marcas em nosso trabalho, e nas nossas vidas. Isso acabaria levando à sua participação na novela Pantanal, que o elevou à condição de astro popular. O que não o desviou de seu caminho artístico, calcado em sua maneira simples de viver (tendo ao lado uma família maravilhosa), crescente sofisticação técnica, e seu estabelecimento definitivo, como um dos artistas que mais inovaram a música brasileira nas últimas décadas.



Jornalista, escritor e músico.

Almir Sater é o primeiro músico a receber o título de Doutor Honoris Causa da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). A honraria é merecida. Almir entrou para a história da música brasileira em 1985, quando lançou seu primeiro disco instrumental. Nele, o sul-mato-grossense expandiu e elevou a um novo patamar a viola caipira de dez cordas. Até então, o instrumento tinha como reduto o universo da música raiz e o pagode caipira inventado por Tião Carreiro, ao lado de Pardinho, nos anos 1950 e 1960. Com Almir, a viola ganhou o mundo e incorporou elementos de outros estilos musicais. Foi universalizada, em um caminho sem volta para o instrumento. Aprovado pelos mais antigos, o campo-grandense também inspirou uma geração moderna de violeiros pelos quatro cantos do País.

Além de instrumentista, Almir construiu uma obra que relata o jeito de ser sul-mato-grossense, suas raízes identitárias e as belas paisagens de sua natureza. Como artista levou o nome do Estado para os mais diferentes recantos brasileiros, e, como compositor, criou uma série de canções que representa o Brasil profundo, o Brasil de dentro, o Brasil fronteiriço, o Brasil de outro eixo, o Brasil bugre e de frente para o Pacífico, o Brasil sul-mato-grossense. Conquistou uma legião de fãs tanto no interior quanto no litoral. Entre as dezenas de canções, duas miram a eternidade: “Sonhos Guaranis”, com Paulo Simões, vai no âmago do ser sul-mato-grossense, um brasileiro diferente de todos e que tem de lidar com sua ancestral “paraguaice”; e “Tocando em Frente”, com Renato Teixeira, já alçada para o pódio dos grandes clássicos da história do cancioneiro brasileiro. Ele agora é doutor violeiro cantadô: Dr. h. c. Almir Sater.



Professor do Curso de Música da UFMS.

Foi com satisfação, e consciente da imensa responsabilidade, que aceitei a incumbência de escrever estas linhas por ocasião da concessão do título de Doutor Honoris Causa ao violeiro campo-grandense Almir Sater.

Sua brilhante carreira profissional, que o levou ao panteão dos mais importantes artistas do País, já produziu mais de uma dezena de álbuns gravados e premiações que atestam sua importância no cenário musical brasileiro.

Ivan Vilela, violeiro e professor da USP, coloca Almir no mesmo patamar de músicos como Tião Carreiro, Zé Coco do Riachão, Renato Andrade, Heraldo do Monte e Helena Meirelles como “músicos que fundiram ao toque tradicional elementos diversos de suas formações musicais, quais sejam, o clássico, o instrumental brasileiro, o folclórico, a MPB, o jazz, as músicas de cada região do Brasil, o rock e outras tendências que surgiram no mercado do disco nas últimas décadas” (Vilela, 2013, p.53).

Mas ao escrever este texto, o que imediatamente me veio à memória foram algumas páginas já amarelecidas da infância. Lembrei-me que Almir morou na rua Padre João Crippa, quase esquina com a rua Cândido Mariano, onde eu morava. Embora de ascendência árabe, na vizinhança a molecada o chamava de “Paraguai” (!) e algumas imagens desfocadas pelo tempo, mas ainda presentes na memória, me permitem recordá-lo brincando nas enxurradas das fartas chuvas de verão que inundavam de lama vermelha as ruas de Campo Grande.

Almir é gente da terra, e sua relação telúrica com a vida se manifesta não só nas canções que resgatam imagens poéticas de um Brasil rural (atravessadas por múltiplas referências cosmo-

politas), mas nas escolhas de vida que fez ao eleger o mato e o pantanal como lar. E não fica por aí: suas preocupações com a preservação do meio ambiente o leva a defender a criação extensiva de gado no Pantanal, o cuidado na condução dos projetos de ecoturismo e a conscientização e educação ambiental como um dos pilares fundamentais para a manutenção da saúde do planeta. Além disso, Almir também é um dos responsáveis pela criação do projeto “Escolas Pantaneiras”, segundo ele, “um projeto muito simples que nasceu de uma cobrança das pessoas que trabalhavam com a gente na fazenda lá no Pantanal” e que visa primordialmente “ensinar a ler, escrever e sonhar”. (Revista Viverde Natureza, 2010, p. 6)

Queremos destacar aqui duas canções de Almir que bem ilustram sua trajetória: “Tocando em frente” em parceria com Renato Teixeira, e “Sonhos guaranis”, com Paulo Simões.

“Sonhos guaranis” é uma das mais representativas canções de Mato Grosso do Sul e faz referência a um doloroso processo histórico e social marcado pelo protagonismo dos índios guaranis e tendo na Guerra da Tríplice Aliança um momento de ruptura violento que, a despeito da demarcação das fronteiras geopolíticas, felizmente não foi suficiente para neutralizar o intenso intercâmbio cultural com o Paraguai, tão bem demonstrado na prática de gêneros musicais como a polca paraguaia e a guarânia.

A premiada “Tocando em frente” é considerada um clássico da música popular brasileira, e nos conduz a uma paisagem pantaneira marcada pelo contraste entre a natureza virgem e as estradas riscadas pela ocupação do homem como metáfora para a própria trajetória da vida de todos nós e que pode ser lida como um retrato do próprio Almir Sater enquanto artista, fazendeiro, cidadão e ser humano:

“Como um velho boiadeiro
Levando a boiada
Eu vou tocando os dias
Pela longa estrada, eu vou
Estrada eu sou”

Almir Sater já tem seu espaço conquistado na música popular brasileira, e o fato de a UFMS conceder-lhe o merecido título de Doutor Honoris Causa contribui para valorizar ainda mais a cultura sul-mato-grossense e sua produção artística, fixando nos anais da história o reconhecimento não só ao Almir, mas, simbolicamente, à toda a classe artística de Mato Grosso do Sul.

TÍTULOS CONCEDIDOS PELA UFMS

A ENTREGA DO TÍTULO de Doutor *Honoris Causa* é um dos maiores reconhecimentos acadêmicos de uma instituição universitária, como objetivo de premiar as pessoas que serviram de exemplo para a comunidade acadêmica e para a sociedade. Esse prêmio demonstra o valor e a grandeza de suas vidas.

As pessoas agraciadas pela UFMS, desde 1985, são de áreas diversas, que encarnam os valores mencionados. Com essas autoridades é possível aprender sempre, pois nutrem, com seu saber e bons exemplos. A todas elas, nossa admiração, nosso respeito e nosso agradecimento.

1. JOSÉ MANOEL FONTANILLAS FRAGELLI - (Res. nº 29, Coun, 28 de novembro de 1985)
Pelos inúmeros relevantes serviços prestados ao Brasil, ao Estado de Mato Grosso do Sul e à UFMS.

2. RAMEZ TEBET - (Res. nº 13, Coun, 20 de abril de 1988)
Pela dedicação ao longo de sua vida pública ao Estado de Mato Grosso do Sul e ao Brasil.

3. WILSON MARTINS - (Res. nº 26, Coun, de 23 de outubro de 2001)
Em reconhecimento pelos inúmeros e relevantes serviços prestados à cultura brasileira.

4. PEDRO PEDROSSIAN - (Res. nº 27, Coun, de 23 de outubro de 2001)
Pela importância na história da Educação de Mato Grosso do Sul, por meio de políticas educacionais efetivas nos vários níveis de ensino, e pela criação e implantação da UFMS.

5. NEWTON DE OLIVEIRA CARVALHO - (Res. nº 8, Coun, de 16 de abril de 2002)
Pela relevante contribuição prestada à ciência na área de hidrossedimentologia.

6. PADRE ERNESTO SASSIDA - (Res. 57, Coun, de 30 de agosto de 2004)
Pelo relevante trabalho junto à comunidade corumbaense, tendo como principal alvo a população pobre e carente do Bairro Cidade do Bosco, que ajudou a construir.

7. DAISAKU IKEDA - (Res. nº 3, Coun, de 5 de fevereiro de 2007)
Por divulgar os ideais de paz, cultura e educação para a humanidade, bem como a conscientização das pessoas em relação a questões fundamentais à vida – como Presidente da Sociedade de Criação de Valores Humanos – Soka Gakkai.

8. MANOEL DE BARROS - (Res. nº 1, Coun, de 5 de fevereiro de 2007)
Pelo relevante lugar que ocupa na construção da cultura, pelo reconhecimento de setenta anos de poesia, anos dedicados à literatura, objeto de estudo de muitos membros da comunidade acadêmica da UFMS, da educação sul-mato-grossense, bem como na história da UFMS.

9. UEZE ZAHRAN - (Res. nº 4, Coun, de 5 de fevereiro de 2007)
Pelo lugar relevante que ocupa na história do Estado de Mato Grosso do Sul.

10. MARIA DA GLÓRIA SÁ ROSA - (Res. nº 2, Coun, de 5 de fevereiro de 2007)
Pelo lugar relevante que ocupa na construção da cultura e da educação sul-mato-grossense e pela excelência de sua trajetória na vida expoente do magistério, brilhante educadora e historiadora.

11. MARCOS VINÍCIUS RODRIGUES - (Res. nº 26, Coun, de 31 de março de 2008)
Pelos relevantes serviços prestados à Cultura Brasileira, como Ministro do Tribunal de Contas da União e Presidente da Academia Brasileira de Letras.

12. IZULINA GOMES XAVIER - (Res. nº 27, Coun, de 31 de março de 2008)
Pelos relevantes trabalhos junto à comunidade corumbaense nas áreas de letras, pintura, escultura e pelos serviços prestados à comunidade.

13. LUIS INÁCIO LULA DA SILVA - (Res. nº 28, Coun, de 31 de março de 2008)
Presidente da República, pelos relevantes serviços prestados à Educação Pública Brasileira.

14. FERNANDO HADDAD - (Res. nº 29, Coun, de 31 de março de 2008)
Pelos relevantes serviços prestados à Educação Pública Brasileira, como Ministro de Estado da Educação.

15. IRMÃ SILVIA VECELLIO - (Res. nº 58, Coun, de 1º de julho de 2010)
Pelo relevante trabalho humanitário desenvolvido à frente do Hospital São Julião, em Campo Grande - MS.

16. EMÍDIO CANTÍDIO DE OLIVEIRA FILHO - (Res. nº 26, Coun, de 25 de abril de 2011)
Pelos relevantes serviços prestados à Pós-Graduação da UFMS.

17. JORGE ALMEIDA GUIMARÃES - (Res. nº 27, Coun, de 25 de abril de 2011)
Pelos relevantes serviços prestados à Pós-Graduação da UFMS.

18. LEON POMER - (Res. nº 51, Coun, de 8 de outubro de 2012)
Pela contribuição ao desenvolvimento das ciências humanas da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como Historiador.

19. ANA MARIA ARAÚJO FREIRE - (Res. 104, Coun, de 15 de dezembro de 2017)
Pelo conjunto de sua obra e relevância dos serviços prestados como divulgadora do pensamento do Prof. Paulo Freire.

20. RUY DE ARAÚJO CALDAS - (Res. 106, Coun, de 15 de dezembro de 2017)
Por sua trajetória científica e de gestão para o desenvolvimento da Ciências, Tecnologia e Inovação no Brasil, em especial para a Região Centro-Oeste.

21. VALI JOANA POTT - (Res. 105, Coun, de 15 de dezembro de 2017)
Por sua contribuição à ciência, especialmente na área de Botânica, assim como, enquanto cientista de renome nacional e internacional.

22. MARIO NETO BORGES - (Res. 106, Coun, de 20 de setembro de 2018)
Por sua imensa relevância, contribuição e trajetória de professor, pesquisador e gestor público para a Educação, Ciência, tecnologia e Inovação de Mato Grosso do Sul e do Brasil.

23. MARÍA ESTHER MARTÍNEZ QUINTEIRO – (Res. 127, Coun, de 28 de novembro de 2018)
Por sua imensa relevância, contribuição e trajetória de professora e pesquisadora na temática dos Direitos Humanos.

24. OSVALDO NOVAIS DE OLIVEIRA JUNIOR – (Res. 45, Coun, de 27 de março de 2019)
Por sua imensa contribuição à ciência enquanto cientista de renome nacional e internacional, e à magnífica influência que tem exercido sobre a formação de grande número de cientistas de diversas áreas.

25. ALMIR EDUARDO MELKE SATER – (Res. nº 63, Coun, de 7 de junho de 2019)
Por sua imensa contribuição à música nacional e regional.

26. JOSÉ ISAAC DE OLIVEIRA – (Res. nº 64, Coun, de 7 de junho de 2019)
Por sua contribuição às artes plásticas de Mato Grosso do Sul.

27. HUMBERTO AUGUSTO MIRANDA ESPÍNDOLA – (Res. 65, Coun, de 7 de junho de 2019)
Por sua contribuição e dedicação à produção artística, relevantes não somente para a formação como para a constituição da cultura sul-mato-grossense, com destaque no cenário internacional.

Solenidade realizada às 20h do dia 22 de julho de 2019,
no Teatro Glaucete Rocha, Cidade Universitária, s/n
Campo Grande, Mato Grosso do Sul.

Organização: Cerimonial UFMS

Publicação: Agecom/UFMS

Imagens: arquivo pessoal do homenageado

